

A Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Educativas Especiais em Escola de Ensino Regular

Inclusion of Students with Special Educational Necessities School in Regular School

Rejane Souza da Rosa¹

Resumo: Este trabalho propõe-se a refletir sobre o tema inclusão escolar; utilizando, como subsídio, entrevista com seis mães de alunos que vivenciaram o processo de inclusão de seus filhos em escola de ensino regular. No primeiro momento, apresenta dados das entrevistas realizadas com estas mães, buscando compreender como elas avaliam este processo, se positivo ou não, para seus filhos. No segundo momento, é feita uma revisão teórica sobre a temática inclusão escolar e sua validade como experiência positiva para alunos com necessidades educativas especiais.

Abstract: This work proposes to reflect about a school theme: using interviews with 6 mothers of students that lived the process of inclusion of their children in regular school. In the first moment, it introduces interview data with these mothers, trying to understand how they evaluate this process, if it's positive or not, for their children. In the second moment, a theoretical review about the school inclusion theme and its validity as a positive experience, for the students with special educational needs. In the third moment the conclusion that, painful as this process is, the mothers still prefer that their children attend regular school because they understand that it brings challenges that can make their growth possible.

Palavras-chave: Inclusão; aprendizagem; socialização; diversidade.

Keywords: Inclusion; learning; socialization; diversity.

¹ Professora de séries iniciais. Graduação em psicologia pela PUCRS; pós-graduação em psicologia clínica pela UFRGS; pós-graduação em Educação Inclusiva pelo IES.

Este artigo procura discutir um tema bastante polêmico em nossos dias, que é a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, pois as opiniões dos educadores divergem e muito. Alguns acreditam que o aluno com deficiência é mais excluído na escola de ensino regular, por não acompanhar os demais colegas na aprendizagem e por isto deveria ser preservado e freqüentar a escola especial, onde estaria com crianças "iguais" e, assim, não precisaria lidar com este desafio. Outros educadores acreditam que o aluno com necessidades especiais deve freqüentar a escola de ensino regular, justamente pela riqueza que surge através da diversidade.

Atualmente, já podemos contar com aportes teóricos de como os educadores e técnicos percebem o processo de inclusão escolar; aspectos positivos e a melhorar. Neste artigo, pretende-se discutir qual é a opinião dos pais dos alunos com necessidades educativas especiais que freqüentam turmas no ensino regular. Junto aos pais, este trabalho pretende também saber como eles avaliam este processo; que afetos são suscitados quando seu filho já se encontra em idade escolar e como realizam a escolha da escola em que desejam matricular seus filhos.

Para a realização deste artigo, foram entrevistadas seis mães de alunos com necessidades educativas especiais, os quais estão inseridos em escolas de ensino regular da rede municipal da cidade de Cachoeirinha, sendo três, no sistema de ciclos e três, em sistema seriado. A metodologia utilizada foi da pesquisa qualitativa, com entrevista dirigida. Foram realizadas entrevistas individuais com as mães, nas quais era feita a pergunta e as mães poderiam falar livremente, enquanto a entrevistadora fazia os registros dessas falas.

Este artigo procura dar voz aos familiares de alunos com necessidades educativas, incluídos no ensino regular, no sentido de saber qual a avaliação que eles fazem frente ao atual processo de inclusão escolar.

Inclusão Escolar numa perspectiva histórico – social

O tema inclusão tem sido intensamente debatido no mundo nesta última década. Em se tratando de crianças, a educação se faz peça fundamental neste debate, pois a mesma é imprescindível no processo de inclusão, por ser um mecanismo legítimo e que foi se constituindo ao longo da história.

A educação esteve presente em momentos históricos de exclusão, onde somente os ricos tinham acesso, depois o leque abriu-se um pouco mais, onde os filhos de trabalhadores conceituados também poderiam usufruir deste privilégio que ainda era para poucos. No decorrer do processo de evolução, também tivemos o período em que as mulheres eram vistas como incapazes de aprender, portanto, deveriam manter-se fora dos bancos escolares. A população negra, também foi alvo de discriminação, pois não poderia freqüentar a escola por ser vista como inferior. Também o quesito idade já foi elemento que legitimava a exclusão e me parece que atualmente as pessoas com deficiência estão em alta, na roda: inclusão x exclusão.

Segundo Carvalho (2004, p.34)

Uma nova ética se impõe, conferindo toda a igualdade de valor, igualdade de direitos - particularmente aos de equidade - e a necessidade de superação de qualquer forma de discriminação por questões étnicas, sócio-econômicas, de gênero, de classes sociais ou de peculiaridades individuais mais diferenciadas. [...] Os movimentos sociais em prol dos direitos humanos muito contribuíram para a resignificação dos sistemas educacionais e do papel das escolas. Em vez de seletividade que as tem caracterizado, penalizando inúmeros alunos – com ou sem deficiência ou superdotação.

A autora consegue argumentar questões rotineiras no discurso que está posto frente à educação inclusiva. Incluir ou não já não depende mais de uma parte da sociedade, precisamos é criar estratégias para que estes alunos possam se beneficiar da educação como os demais.

Embora a constituição já tenha definido a questão, no que se refere à inclusão, as escolas continuam debatendo se os deficientes podem ou não freqüentá-la; se são ou não capazes de estar neste lugar que ainda é privilegiado, ou seja, não é para todos, pois o ingresso está assegurado, mas a permanência não.

Em se tratando do processo de inclusão escolar, ouvimos falar em integração e não, em inclusão. A inclusão não é pura e simplesmente colocar a criança na escola e deixá-la

sob a responsabilidade única e exclusiva da professora referência da turma, para dar conta da educação desse sujeito.

Ao longo da história, percebemos que a exclusão foi construída em parceria com todas as áreas que compõe a nossa sociedade. Pois a igreja fazia a sua parte no processo de exclusão, nomeando as pessoas com sofrimento psíquico de endemoniados. O entendimento da igreja era que deveriam ser banidos de qualquer convívio social; a saúde fazia a sua parte colocando dentro dos manicômios todos aqueles que julgavam perigosos. Mas perigosos para quem, mesmo?

Quanto a escola, esta também fazia sua parte, legitimando um lugar de incapacidade cognitiva e, portanto não deveria uma pessoa com deficiência estar no convívio social, pois além de não aprender, atrapalharia a aprendizagem e ainda oferecia risco para os demais colegas da aula.

Atualmente a sociedade, em parte, tenta retirar estes rótulos que já foram muito bem fixados no inconsciente coletivo da humanidade, mas nós somos seres sociais e nos constituímos através do legado da cultura. Como poderemos sair deste contexto que levou tanto tempo para ser construído?

A educação não está fora deste contexto, o professor é fruto de uma educação bancária e elitista, trabalhou nesta rede para que tudo desse certo.

Mas certo para quem?

O psicanalista argentino Alfredo Jerusalinski (2006) nos alerta para o perigo que perpassa esta abertura da escola para os "deficientes marginalizados", lembrando o equívoco da Revolução Francesa que declarou iguais os que não dispunham de recursos para exercer sua igualdade e legitimou-se a supressão ou a restrição dos caminhos para a obtenção ou ampliação dos recursos.

Atualmente, na educação, faz-se uma chamada para que as famílias tragam seus filhos com necessidades educativas especiais para as escolas, no entanto os investimentos em educação são os mesmos ou até menores dos que se tinha antes do advento Inclusão.

Penso que, com a criação do conselho tutelar, (1990) o Brasil avançou na política pública de inclusão social, no sentido de garantir acesso a todos aos bancos escolares, mas o que não está sendo pensado é na qualidade do que vai ser oferecido a estes alunos e no preparo dos professores que atenderão a esta clientela.

A educação inclusiva também faz parte deste cenário que está posto, pois a sociedade contemporânea está marcada por imperativos que devem ser analisados a partir de vários eixos: Um deles refere-se à própria demanda de inclusão que se opera desde o social.

A mudança na educação precisa acontecer para todos os alunos e não por que os alunos com necessidades educativas especiais estão chegando às classes escolares. Bem pelo contrário, eles trazem à tona a problemática já existente colaboram, assim, com este rico momento da História educacional.

As mães entrevistadas sobre sua percepção quanto ao ingresso de seus filhos (as) em escola de ensino regular, ao invés de escola de ensino especial, na sua maioria, disseram que estavam satisfeitas com a aprendizagem do filho, mostrando-se compreensivas às limitações dos (as) filhos(as). Veja, a título de ilustração, a fala de uma das entrevistadas: *“Eu acho que está normal, quer dizer normal dentro daquilo que ele pode oferecer, pois ele tem dificuldades de aprendizagem bem sérias e por isso eu acho que ele está muito bem”*.

Entre as entrevistadas uma mãe colocou que achava melhor que seu filho estivesse freqüentando a escola de ensino especial, por entender que seu filho era muito limitado e que não se beneficiaria deste tipo de escola. O fragmento abaixo descreve o seu relato:

Eu acho que ele deveria ter professores especializados para trabalhar com ele. Ele precisa de atenção integral para ele e os professores do ensino regular têm muitos alunos na sala e não vão conseguir dar atenção integral para ele. Precisamos estar em cima dele, para que ele possa ter um futuro melhor.

As outras mães partiram do pressuposto que seus filhos (as) têm potenciais e que elas precisam acreditar neles. Elas afirmam que o convívio com crianças “mais saudáveis” do que seus filhos, só lhes trazem benefícios. Essas mães entendem também que, mesmo não conseguindo realizar as mesmas atividades da turma, ainda assim eles aprendem com os colegas, coisas que, na escola especial, não aprenderiam, por se tratar de crianças com o mesmo tipo de problemática, acrescentam elas.

Esta opinião se embasa no conhecimento que têm de seus filhos e no acompanhamento de sua progressão diária. Relatam os avanços de seus filhos com muito orgulho, por menores que estes sejam.

Os benefícios que meu filho tem estando no meio das crianças normais são os seguintes: ele vai ver coisas diferentes que não veria estando na escola especial. Aqui ele pode ver os colegas, pulando, correndo, fazendo arte e tudo ele também quer fazer igual. Ele perguntou se um dia ele também vai poder correr como os colegas, eu disse que sim, pois eu não vou tirar a esperança do meu filho. Para Deus nada é impossível e até pode acontecer um milagre. Tudo isto que ele vê aqui, nunca teria a oportunidade estando em uma escola especial, pois lá eles são iguais ou mais prejudicados do ele.

As mães falam dos progressos, mas também dos desafios que tiveram no período de adaptação dos filhos à escola, pois temiam que a professora pudesse não conseguir atender seu filho, uma vez que estes teriam que competir com os outros alunos para terem a atenção da professora e preocupavam-se, também, em como a mesma poderia administrar tal situação.

No começo foi difícil, a mudança da creche para a escola, mas atualmente já está tudo bem. Na escola de educação infantil, ele foi recebido com festa e, na escola de ensino regular, não foi bem assim, isto foi complicado. Fiquei com medo de que ele não fosse bem tratado aqui. Nesta escola, ele já caiu da cadeira de rodas, às vezes, chega em casa sem material escolar, porque não consegue guardar, tem problemas de motricidade fina e nem sempre a professora pode ajudá-lo.

Claro que não podemos negar que algumas professoras foram pouco profissionais, segundo o relato das mães, por outro, estas mães, muitas vezes, superprotegem seus filhos e, com certeza, sabem que ninguém cuidará de seus rebentos, como elas fizeram até hoje.

Estes depoimentos das mães que acreditam na parceria das crianças como possibilidade de avanço, lembra também a teoria do psicólogo Lev Vygotsky (1988, p.97) que diz:

Ela [a zona de desenvolvimento proximal] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

O autor acredita que as crianças podem se beneficiar do convívio umas com as outras, mesmo que apresentem níveis diferentes de aprendizagem, pois aprendem com seus pares, e este teórico, nos dá esperança de que estamos no rumo certo.

Conclusão

Nas entrevistas com as mães pode-se constatar que elas, em sua maioria, avaliam de forma positiva a iniciativa de incluir alunos com necessidades educativas especiais, em turmas do ensino regular, mesmo tendo que enfrentar desafios neste processo.

Seus relatos são de que, num primeiro momento, a adaptação de seus filhos, na maioria das vezes, gera insegurança e rechaços para a maioria deles, porém, ao passar este momento inicial, começam a surgir laços de transferências importantes entre professor e aluno. Nesse sentido, possibilidades são ampliadas e o processo ensino-aprendizagem começa a fluir dentro das condições de cada aluno.

No relato das mães, é necessário que os familiares tenham a paciência de enfrentar este primeiro momento, porque logo, passa e seus filhos serão bem assistidos.

Penso ser importante que os professores possam ter a clareza de que a inclusão escolar está posta, não existindo possibilidade de retrocesso e, por mais complicado que possa ser o início de um novo aluno com sua "deficiência" e "limitações", em classe de ensino regular, é necessário que se possa pensar, juntos, em alternativas que venham a beneficiar este educando em nossas escolas.

Percebo também que, em muitos casos de inclusão, a dificuldade inicial do professor é de lidar com o novo, sendo que a insegurança de como atender da melhor forma possível este aluno é a grande preocupação que vem acompanhada da questão da aquisição de conhecimento, bem como da cobrança dos próprios colegas, frente à aprendizagem destes educandos.

Baptista, Cláudio (2006) afirma que, para que a diversidade humana possa fazer-se presente como valor universal, a escola precisa assumir uma postura de desconstrutora de (des)igualdades, visando incluir uma tessitura social para incluir aqueles que são excluídos sistematicamente.

Não esquecendo de que o professor, em sala de aula, mesmo com seus medos, possibilidades, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos, são os que assumem estes alunos. São as práticas pedagógicas aí desenvolvidas que podem contribuir ou não para aquisição do conhecimento por todos os alunos.

Não questiono a obrigatoriedade do atendimento escolar para as crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais, mas sim, o descaso dos governantes que não investem financeiramente em Educação. Cabe aos docentes, frente a isso, serem propositivos, exigindo as mudanças que serão necessárias para que ocorra a real transformação educacional para todos os alunos, independente das especificidades de cada um.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio. **Inclusão e escolarização múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

CARVALHO, Rosita. **Educação Inclusiva: Os pingos nos “is”**. Porto alegre: Editora Mediação, 2004.

JERUSALINSKI, Alfredo. **Os Escritos da Criança**. Porto Alegre: Publicações Centro Lídia Coriat, 2006.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1988.